

SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL E RACIAL DE MULHERES NEGRAS NA CIDADE DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS, SP: INVISIBILIDADE, PRECONCEITO E DIREITO À CIDADE

ST-16 Cidade, História, Identidade e Cultura

ST-13 Abordagens Sobre a Cidade e o Urbano

ST-12 Desenvolvimento Urbano – Velhos Problemas, Novos Desafios

Raquel de Souza Martins Lima

Orientador: Maria Aparecida Papali

Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade do Vale do Paraíba – PLUR/UNIVAP (Mestrado)

Ano de início: 2018

QUESTÃO CENTRAL DA PESQUISA

A segregação como resultado da ação do Estado sobre o território cerceia a mulher negra no direito à cidade e contribui para o silêncio sobre as questões raciais, mantendo assim a invisibilidade?

O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamento: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc, até a polícia formalmente constituída. Desde a casa grande e o sobrado, aos belos edifícios tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural do negro é o oposto, evidentemente; das senzalas às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos habitacionais. (Gonzales & Hasenbalg, 1982, p. 55)

OBJETIVOS

Perceber como as práticas sociais envolvidas na produção da segregação socioespacial reproduzem a segregação racial do espaço urbano.

Entender o processo histórico de organização do território na cidade de São José dos Campos e mapear espacialmente a mulher negra na cidade.

Verificar a relação entre a segregação socioespacial e a reprodução de questões raciais como resultado de um processo histórico, ainda não discutido no planejamento urbano.

Identificar o alcance do planejamento urbano no enfrentamento das desigualdades socioespaciais e por consequência, da desigualdade racial nas cidades brasileiras.

METODOLOGIA

O tema será abordado a partir da discussão de fundamentos do materialismo dialético lefebvriano, sob a concepção da tríade “percebido-vivido-concebido”, que compreende que a realidade social é marcada por contradições e que somente pode ser entendida por meio da compreensão dessas contradições. Para o desenvolvimento dessa metodologia procura-se compreender a essência dos fenômenos que envolvem o tema proposto, considerando as relações sociais, bem como os determinantes e os modos pelos quais se organizam na sociedade e a explicam. Assim, serão investigadas as variáveis da gênese da ocupação do território, a questão da distribuição de terras e moradia em São José dos Campos, município fortemente marcado pela escravidão, os processos de industrialização da cidade e as formas de segregação que foram impostas em diferentes períodos de crescimento e desenvolvimento da cidade, e se esse desenvolvimento expressa um racismo ou processo de invisibilidade a partir da visão de mulheres negras presentes na cidade. Através de entrevistas semiestruturadas e análise de conteúdo, espera-se a obter informações sobre a questão da distribuição do espaço e sua relação com racismo sob o ponto de vista das mulheres negras. Junta-se a este processo a análise de dados oficiais, mapas das periferias, de renda, de emprego, violência e outros que possam servir à discussão.

PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA

BOURDIEU, Pierre (Coord.). Efeitos do Lugar. In: A Miséria do Mundo. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 159-214

DIAS, Tatiana Silva. Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília : Ipea, 201

GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar de negro. Rio de Janeiro, Marco Zero, coleção 2 pontos, v3

HARVEY, David. *A produção capitalista do espaço*. Tradução Carlos Szlak. Coordenação. Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2009.

LÉFÈBVRE, Henri. A Revolução Urbana. Belo Horizonte: EDUFMG, 2004.

_____. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001

MARICATO, Ermínia. Brasil, Cidades: alternativas para a crise urbana. Petrópolis, RJ: Vozes. 2001.

OLIVEIRA, Reinaldo José de (org.). A cidade e o negro no Brasil – Cidadania e Território. São Paulo. Alameda, 2013.

ROLNIK, Raquel. Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças. Editora Boitempo. 2015

_____. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro), Revista de Estudos Afro-Asiáticos, Rio de Janeiro, Cadernos Cândido Mendes, nº 17, set. 1989.

SANTOS, Boaventura de Sousa (2002), "Nuestra America: Reinventing a Subaltern Paradigm of Recognition and Redistribution", *Rutgers Law Review*, 54, 4.

SANTOS, Milton. O Espaço do Cidadão. São Paulo: Nobel, 1987.

_____. Pobreza urbana. São Paulo: Hucitec, 1978b

Série São José dos Campos, História e Cidade. Volumes III, IV e VII. UNIVAP – Universidade Vale do Paraíba.

THEODORO, Mário; JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael; SOARES, Sergei (org.). As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição / – Brasília: Ipea, 2008.176 p.

VILLACA, Flavio. São Paulo: segregação urbana e desigualdade. Estudos avançados 25 (71), 2011.

DIALOGO COM O TEMA DA OFICINA

Apesar das transformações sociais ocorridas no Brasil e dos impactos das políticas de planejamento e organização do espaço das cidades, as consequências dos 300 anos de escravidão e conseqüentemente pobreza, se reproduzem nos territórios. Não é possível negar que a segregação socioespacial das cidades são representações também da segregação racial, fruto desse processo histórico vivenciado.

Questionar a forma como a cidade é concebida levando em consideração as diversas variáveis que estão postas, identificar a gênese das desigualdades a partir da perspectiva decolonialista e propor soluções inclusivas na cidade, é acreditar que o planejamento urbano pode contribuir para a construção de uma cidade para todos

DIALOGO COM PROBLEMÁTICAS REGIONAIS E COM A DISCUSSÃO NACIONAL E/OU INTERNACIONAL

Mundialmente a questão do território e a segregação racial já vem sendo discutida desde a Escola de Chicago, sendo disseminada em toda Europa, a partir disso. No Brasil, embora na área da sociologia a discussão já tenha ganho amplo debate, considerando as variáveis dos impactos do acesso da população aos serviços básicos, sobre a obtenção de trabalho e renda, o acúmulo de capital cultural e social, a mobilidade urbana e a exposição à criminalidade e à violência, no planejamento urbano ainda é discreta a discussão da relação entre território e raça.

Essa condição é, ao mesmo tempo, causa e consequência, no bojo de um processo que se auto-alimenta contínua e progressivamente. Mas a visão da pobreza associada ao negro, sempre eivada pela visão racista que atribui a este parte expressiva da responsabilidade de sua situação de carência, (...) acaba por naturalizar a própria pobreza. Nesse contexto, o estigma atua reforçando uma ciranda perversa na qual a existência da pobreza surge como parte constitutiva e natural de nossa realidade, especialmente quando sua cor é negra (THEODORO, 2008. p.172).

É fato, entretanto, que a segregação sócioespacial se reproduz racialmente. Os dados levantados mostram que a pobreza se concentra muito mais na população negra (DIAS, 2013), na maioria das cidades brasileiras. As adversidades que se apresentam às mulheres

negras presentes nesses territórios segregados também evidenciam a necessidade de discussão do gênero e raça dentro no planejamento das cidades. Segundo o Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça, divulgado pelo IPEA em 2017, se em no ano de 1995, 23% dos domicílios tinham mulheres como pessoas de referência, em 2015 este número passou para 40%. São mulheres que se interagem com a cidade nos mais diversos aspectos e que recebem um espaço urbano com forte perspectiva de gênero masculino.

As novas questões sociais impostas como imigração ou as polarizações políticas e econômicas trazem consigo desafios para construção de cidades mais justas e democráticas.

Não é o olhar para a África que vai ajudar na produção de uma política brasileira para o negro, nem um olhar para os Estados Unidos que vai também permitir essa produção de uma política. É o estudo do negro dentro da sociedade brasileira. É evidente que esse estudo passa pela categoria que se chama “formação socioeconômica”, a qual eu modifiquei propondo a categoria de “formação socioespacial”, porque eu creio que o território tem um papel muito grande na compreensão do que é uma nação. Milton Santos, disponível em <https://youtu.be/bvEgzA6SACA>

PRINCIPAIS IMPASSES E DIFICULDADES

As dificuldades impostas pelo silenciamento do planejamento urbano sobre as questões raciais ainda se mostram um desafio. Os referenciais teóricos que dispomos ainda soam escassos, apesar de alguns estudos iniciais e dos dados existentes mostrarem a relação com a segregação socioespacial e a segregação racial.

Trata-se de um desafio relacionar a questão urbana com a segregação racial, uma vez que a produção capitalista do espaço não incorpora a discussão de classe, raça e gênero.

!